

TESTE

Manuel Bernardes/Jorge Gonçalves

O "DESPERTAR" DAS B&W 802 Diamond

Em 2007 equiparei-as a um par de pastores alemães. Agora o seu carácter mudou.

São um par de cisnes, um par de maravilhosos cisnes!



Audio & Cinema em Casa 34

Foi no suplemento designado *HIGH-END*, distribuído com a *Audio* de Maio de 2007 (já lá vão quatro anos, caramba), que tive o prazer de escrever um texto sobre as 802D. Tinham surgido no mercado há pouco tempo, vinham equipadas com o novo *tweeter* de diamante e substituíam as antigas 802, que lhes eram claramente inferiores.

As colunas que me foram entregues para teste estavam por rodar, o que é, no mínimo, irritante. É um erro dos distribuidores, pois acaba por comprometer a sua avaliação, especialmente quando se trata de colunas que precisam de umas 300 horas de «crescimento».

A impressão que me deixaram foi a de uma boa integração sonora, uns agudos límpidos e extensos, uns graves invejáveis por colunas muito mais caras, mas uns médios retraídos, como que «escondidos» entre os graves e os agudos. Isso obrigava a uma audição a elevados volumes sonoros, para os tentar fazer sair do «buraco» onde se encontravam, o que atenuava o problema ao ouvinte mas aumentava claramente os seus problemas com a vizinhança.

Foi por isso que as comparei a um par de pastores alemães. Tal como estes eram lindas, requeriam espaço, muito e bom alimento, e podiam ser desagradáveis para com os vizinhos.

Nunca cheguei a perceber muito bem se a mencionada deficiência era defeito ou feito, isto é, se lhes faltava ainda tempo de rodagem ou se eram mesmo assim. Outros que as ouviram supostamente rodadas confirmaram-me a impressão do «buraco» nos médios, mas nunca tive a oportunidade de as ouvir outra vez para verificar isso por mim mesmo.

Lembro-me de, uns meses depois, ter experimentado umas 803D, que custavam quase metade do preço das 802D, e as ter achado melhores, com uns médios claros e bem alinhados com os graves e agudos, só perdendo para as 802D nos graves, e não por muito.

Tive várias conversas sobre isto com o Alberto Silva, então na ArtAudio. Lembro-me de sempre lhe dizer que se a B&W conseguisse com que as 802D tivessem a mesma linearidade de resposta das 803D teria umas colunas imbatíveis, e de ele



sempre me dizer... tenha paciência, lá se chegará... talvez quando eles fizerem o próximo *revamping*... eu cá estarei para lhe dar notícias.

Bom, esse dia chegou.

Tenho cá em casa um par das novas e revistas 802 Diamond, também trazidas pelos esforçados braços do Alberto Silva, ajudado pelos seus colegas da Viasónica. Sim, porque colunas de 81 kg cada precisam de homens com «cabedal».

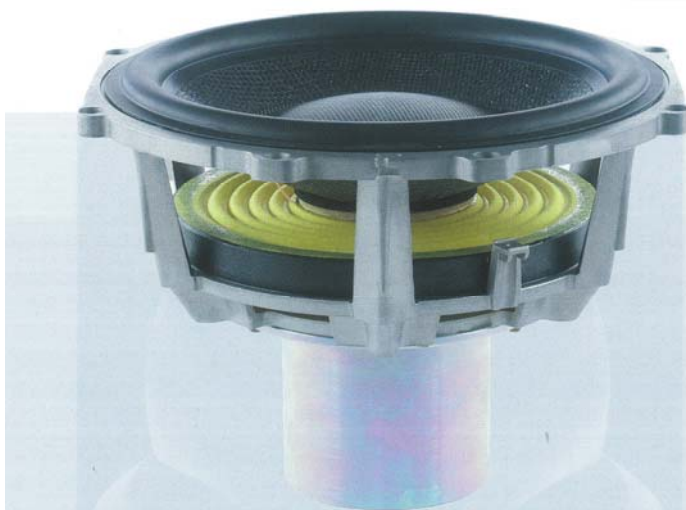
Exteriormente não se notam grandes diferenças. A mais evidente consiste nos finos aros de alumínio que circundam as unidades de graves e médios, que têm sido objecto de tantos comentários pela crítica

estrangeira. Uns gostam, a maioria não gosta e até parece que as modificações se resumem a isso, já que nunca vi ninguém mencionar as outras, as importantes. Eu, por mim, acho-os leves e elegantes.

De facto, as importantes são as seguintes.

O *tweeter* passou a contar com um «motor» com quatro magnetos, o que lhe melhora o rendimento e lhe permite funcionar mais «frio», aumentando-lhe a fiabilidade e a gama dinâmica, reduzindo a compressão e a distorção nos extremos da banda passante. A suspensão é feita de um novo material, que funciona mais em «fase» com o diafragma, o que melhora as características de dispersão. De facto, enquanto que no modelo anterior o ângulo do cone da

TESTE B&W 802D



emissão dos agudos se ia fechando com o aumento da frequência (o que é normal em todos os tweeters de cúpula), nesta versão esse ângulo mantém-se quase inalterado, do que resulta uma imagem estéreo muito mais sólida e estável.

As unidades de graves têm também novos motores, equipados agora com dois magnetos de neodímio, funcionando em *push-pull*. O diâmetro das bobinas (*voice coils*) foi aumentado de 32 para 38 mm, permitindo a transmissão de muito mais «força» aos diafragmas, que funcionam agora com muito maior linearidade e menos distorção. Trata-se de diafragmas espessos, rígidos e pesados, que precisam de muitos «cavalos» para acelerarem e travarem adequadamente.

Aparentemente não houve alterações na unidade de médios, o que mostra que ela não era culpada pela «recessão» dos médios na versão anterior, mas nos *crossovers*... ah!... aí sim!

Sempre me tinha ficado o «palpite» que a culpa da estranha curva de resposta das 802D anteriores se podia atribuir ao *crossover*. Com efeito, este parece ter sido profundamente alterado. Nada consegui saber sobre frequências de corte e pendentes do mesmo (segredos de Estado?), mas os circuitos parecem ter sido alterados e simplificados e, melhor que tudo, os componentes passaram a ser todos

da mesma qualidade e os condensadores são agora da Murdorf, tendo como elementos constituintes ouro, prata e óleo que, segundo a B&W, melhoram drasticamente a qualidade da reprodução.

Também a placa de terminais parece mais robusta e é provida de terminais em cobre puro. Para terminar, as grelhas que cobrem o painel frontal são agora magnéticas, o que dispensa os inestéticos furos de colocação.

O «par» que me coube ouvir estava perfeitamente rodado e era no novo acabamento em preto piano, ao que parece muito procurado. Pessoalmente acho mais «leve» o acabamento em madeira (nogueira), já que o volume delas é apreciável e tanto preto na sala acaba por ser um pouco «funéreo».

Preferi instalá-las sobre os apoios de esferas, apesar de serem agora fornecidas também com apoios sólidos e pesados que são, de um lado, espigão (pouco saudável para os soalhos), e do outro lado, uma espécie de borracha translúcida que quase as cola ao chão. Para efeitos de afinação da sua posição é conveniente tê-las sobre as esferas, já que isso permite deslocá-las com as pontas dos dedos. Depois de determinada a posição ideal, então o utilizador pode optar por instalar um tipo de apoio mais firme.

Acrescento que foram alimentadas por uma fonte dCS Scarlatti e por uma amplificação

Esoteric C-03/Conrad-Johnson Premier 350, pelo que não tinham desculpa para qualquer defeito ou insuficiência, a não ser a qualidade das gravações.

Os primeiros sons deixaram-me algo desconcertado pela intensidade e violência. Reduzi o volume até encontrar o ponto de equilíbrio para a gravação em questão e as coisas entraram na ordem. Foi a primeira surpresa. É que costumava ouvir a dita gravação, com as minhas Infinity Renaissance 90 nos arredores da posição 40 do pré-amplificador (cuja gama vai de 0 a 99) e agora encontrava o mesmo equilíbrio na posição 30! É algo que me intriga. A sensibilidade nas novas 802 Diamond, conforme indicado pelo distribuidor, não é diferente da das anteriores e não está longe da das Infinity. Tenho dificuldade em «perceber» a razão da disparidade, mas a verdade é que ela é perfeitamente evidente.

Para cada gravação e para cada par de colunas há uma estreita gama de regulações de volume dentro da qual a audição é adequada. Por adequada refiro-me à optimização do «equilíbrio» entre as frequências a que respondem, em que os graves apresentam maior solidez e tonalidade, os médios são mais claros e recortados e os agudos mais limpos. Por exemplo, para a referida gravação e com as Infinity, a posição situa-se entre os 38 e os 42. Acima disso a audição é desconfortável. Abaixo disso os graves começam a perder solidez e impacto, os médios a clareza e o ataque, as microdinâmicas são menos claras e os agudos mais recatados.

Para minha grande surpresa as novas 802 Diamond são a clara excepção àquilo que eu considerava uma regra. É que conseguem reproduzir o som de uma forma igualmente equilibrada, sólida e íntegra, para a citada gravação (e outra qualquer, claro), numa gama muito maior de regulação de volumes. No caso vertente não há grande diferença na clareza, no equilíbrio tonal, na transparência, na solidez do grave e na rutilância dos agudos entre as posições, digamos, 20 e 30. É como se a curva de resposta em frequência fosse uma horizontal e permanecesse horizontal ao longo de uma enorme gama de regulações de volume.

A única diferença, na verdade, é a intensidade sonora. Ora isto torna-as colunas domésticas por excelência, permitindo até, sem abusos, audições nocturnas, pelo

menos dentro das horas legais, sem incomodar ninguém.

É a primeira vez que tenho o privilégio de experimentar umas colunas que me tentam a substituir as minhas fiéis Renaissance 90. A integração entre as unidades é irrepreensível e o amortecimento das caixas é perfeito, pelo que todo o som provém de um espaço tridimensional situado atrás delas. Simplesmente «desaparecem» da cena.

A combinação de uma transparência extraordinária, capaz de resolver os mais tênues sons mesmo quando acompanhados de outros mais fortes, com um poder de resolução dos fortísimos isento de qualquer compressão ou desconforto, e com a novidade de tocarem de forma excelente a níveis de volume até agora impensáveis, tudo isto envolvido por uma musicalidade dourada que nos provoca arrepios na espinha faz das 802 Diamond, a meu ver, umas colunas de referência no universo das ditas.

Já não são pastores alemães, senhores, são agora cisnes suaves, belos e majestáticos.

Custom bastante dinheiro, é claro, mas a relação qualidade/preço é imbatível. Não sei se haverá colunas, no mercado, com este nível de prestações e esta combinação de trunfos. Se há, nunca as ouvi e tenho ouvido coisas bem mais caras. Parabéns à B&W. *Keep up the good work.*

Segunda opinião

Jorge Gonçalves

O diamante como material de que muitos sonhos são feitos

As B&W 802 Diamond foram lançadas no início deste ano com pompa e circunstância, como eu divulguei num artigo publicado na *Audio & Cinema em Casa* de Março/Abril, e como os visitantes do Audioshow puderam ver na demonstração das 800 Diamond efectuada no Hotel Estoril Palace. Para além desta oportunidade que vou descrever de seguida, pude ouvir as 802 por duas outras ocasiões distintas até agora: na visita à fábrica da B&W, efectuada em Março deste ano; mais tarde, numa visita a casa do vice-presidente da EISA, na Holanda, ouvi uma vez mais um dos primeiros pares das 802 Diamond que estavam em teste.

As impressões iniciais foram altamente favoráveis, mas o momento crucial desta experiência ocorreu quando me desloquei a

casa do Manuel Bernardes para ouvi-las inseridas no seu sistema e na sua ampla sala de estar. Como ele descreve na apreciação principal, as 802 deram-se muito bem com o Conrad Johnson Premier 350 e, se possível, melhor ainda com a fonte, neste caso o dCS Scarlatti. As sinergias em áudio não se explicam, ouvem-se. Por isso vou falar agora um pouco em volta do assunto, ou seja, para tentar perceber um pouco o quão bem as colunas soaram no sistema do Manuel Bernardes, tentarei ir um pouco mais longe do que a mera descrição dos momentos de audição.

Como vários dos leitores desta revista sabem, temos no sistema de referência AV (e não só) um par de 802 Nautilus da primeira geração, ou seja, com bilhete de identidade a indicar o nascimento lá por volta do ano 2000. Não que sejam exactamente um termo de comparação, porque as 802 sofreram várias modificações desde essa altura, mas a minha ideia, um pouco como o Manuel Bernardes faz no seu texto, é partir de umas colunas que conheço muito bem para tentar perceber melhor as que lhe sucederam.

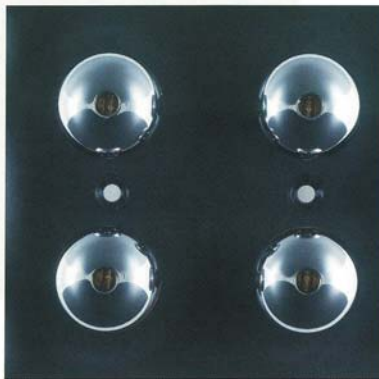
Sem de modo nenhum me colocar na posição daqueles que de um momento para o outro dizem que só porque apareceu um novo modelo o anterior deixou de ter as qualidades que tinha anteriormente, não posso deixar igualmente de reconhecer que as 802 iniciais gostam de tocar um pouco alto para que a gama média realmente sobressaia ao nível do resto da gama, isto embora, por exemplo, o seu *tweeter* fosse já de altíssimo nível, tanto que só ao fim de tantos anos foi substituído. A capacidade de amplificação por detrás de umas colunas destas tinha que estar bem à altura do acontecimento, quer em termos de resolução quer no que se refere a capacidade energética. Por outro lado, nem sempre nos apetece, ou é conveniente (politicamente ou não), ouvir música a um nível relativamente elevado.

E aí entram as 802 Diamond com o novo *tweeter* de diamante, novos altifalantes de graves, um *crossover* totalmente redesenhado e até mesmo um acabamento até aqui nunca utilizado, o lacado em preto, que tantas dores de cabeça tem dado à Bowers & Wilkins, cuja fábrica só recentemente conseguiu começar a dar conta das encomendas cuja lista de pares em *standby* era enorme até ao mês de Setembro.

E em que se traduziram todas estas mudanças? Pois melhor que explicá-lo será experimentá-lo, mas como nem todos os leitores da revista terão esta possibilidade, vou tentar passar para o vosso lado uma boa parte das minhas descobertas. Sim, que isto de ouvir um equipamento deste nível num sistema de alto calibre tem sempre muito de descoberta.

E o que é verdade é que as 802 Diamond são umas colunas desarmantes. Quando se olha para uns monólitos fisicamente imponentes, embora não em exagero, que se comportam desta maneira, tocando a níveis baixos como o fazem as minhas ESL 63, e não estou a exagerar, é quase como que ter dois tigres da Sibéria a comportarem-se como dois gatinhos felpudos.

Espantam-nos a segurança de cada som emitido, solidez da imagem espacial, claríssima extensão de agudos, beleza dos instrumentos de madeira na gama média, profundidade e controlo dos graves, que mais posso dizer? Pois que levei para casa do Manuel Bernardes para aí uma dúzia de discos e que passámos umas largas horas de audição perfeitamente embevecidos perante tanta serenidade na apresentação musical. Levei mesmo uma gravação de *Carmina Burana*, da Telarc, que, uma vez mais, me mostrou que as limitações estavam lá (não conheço nenhuma boa gravação desta obra – todos os engenheiros de estúdio se assustam perante a quantidade de pessoas e instrumentos no palco e colocam imediatamente em acção, de modo demasiado óbvio, os limitadores). Mas o que as 802 fizeram foi muito mais que isto: pegaram no coro e puseram quase cada elemento em várias linhas na nossa



TESTE B&W 802D



frente, quer em profundidade quer em altura, fizeram com que todo e qualquer instrumento da orquestra assumisse uma presença, uma naturalidade tal que quase me convenceram de estava a ouvir outra gravação que não a que eu conheço há tanto tempo. Claro que onde não podiam ocorrer milagres era onde os limitadores dinâmicos tinham entrado em acção quando da gravação, o que fazia com que os crescendos mais imponentes em termos dinâmicos não atingissem o impacto que se esperava. Nenhuma coluna poderia alterar o que estava errado desde o início e, por quase perfeitas que sejam, seria errado se hipoteticamente o fizessem. As 802 Diamond mostraram-me apenas que mesmo uma gravação menos boa pode ser reproduzida de um modo superlativo, agora o que não fizeram foi inventar música para substituir os trechos que o estúdio tinha estragado. 20 valores para começar.

Continuarei com diversas outras gravações, que não vou aqui citar de modo exaustivo, agora o que não posso deixar de citar é a espantosa naturalidade com que as vozes são reproduzidas. Desde Eva Cassidy a Emi Fujita ou Jacintha, ao cubano Guillermo Portabales, entre timbres masculinos e femininos tudo soou tão belo quanto apropriado, sedoso, extenso em termos dinâmicos, articulado na dicção, tão sem ausência de esforço que convidava a ouvir horas e horas só pelo prazer de ouvir. E esta é uma qualidade que poucas colunas têm: presentearem-nos com um gozo tal na audição da música que nos fazem render totalmente perante aquilo que é o essencial – o fluir líquido, natural, por parte de um reproduzidor que é apenas aquilo que é, deixando a música vir até nós sem lhe acrescentar nem retirar nada e depois como que se retirando de cena porque não necessitam de estar lá, muito menos de impor a sua presença.

Depois do que o Manuel Bernardes disse e do que já aqui exprimi nas palavras que antecedem estas, que mais posso dizer? Em relação às primeiras 802, estas novas colunas são um salto qualitativo quase astronómico em termos de praticamente todas as qualidades que apreciamos numa coluna, mas são muito mais que isso – podem não ser exactamente baratas mas o preço que custam garante-nos uma qualidade de reprodução musical que não se compara com a de qualquer outra coluna que eu conheça a um preço que pode ir a até duas ou três vezes o delas.

Posso parecer suspeito, por já ter no sistema um par de 802, mas o Manuel Bernardes não tem nenhum e anda a pensar mudar de colunas há para aí dez anos. E, pelo que eu vi, nenhuma até agora o convenceram como estas 802 Diamond. Os tempos estão maus para todos nós, e o futuro ainda se anuncia mais complicado, mas é nestes momentos que devemos apostar em valores seguros e estas colunas são um dos valores mais seguros que eu conheço.

Preço: 14.000 euros/par
Representante: B&W Group Spain
Web: www.bowers-wilkins.es
www.bwportugal.blogspot.com